

DAI GRATUITAMENTE O QUE RECEBESTES GRATUITAMENTE

Dom de curar
Preces pagas • Mercadores expulsos do templo
Mediunidade gratuita

DOM DE CURAR

1. *Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expulsai os demônios. Dai gratuitamente o que recebestes gratuitamente. (Mateus, 10:8)*

2. *Dai gratuitamente o que recebestes gratuitamente*, disse Jesus a seus discípulos. Por este ensinamento recomenda não cobrar por aquilo que nada se pagou; portanto, o que tinham recebido gratuitamente era o dom de curar as doenças e de expulsar os demônios, ou seja, os maus Espíritos; esse dom lhes havia sido dado gratuitamente por Deus para o alívio dos que sofrem, para ajudar a propagação da fé, e lhes disse para não fazerem dele um meio de comércio, nem de especulação, nem um meio de vida.

PRECES PAGAS

3. *Disse em seguida a seus discípulos, na presença de todo o povo que o escutava: Guardai-vos dos escribas que se exibem passeando em longas túnicas, que adoram ser saudados em lugares públicos, de ocupar as primeiras cadeiras nas sinagogas e os primeiros lugares nas festas; que, sob o pretexto de longas preces, devoram as casas das viúvas. Essas pessoas receberão uma condenação mais rigorosa. (Lucas, 20:45 a 47; Marcos, 12:38 a 40; Mateus, 23:14)*

4. Jesus ensinou também: Não façais que vos paguem pelas vossas preces como fazem os escribas que, *sob o pretexto de longas preces, devoram as casas das viúvas*, ou seja, apossam-se de suas fortunas. A prece é um ato de caridade, um impulso do coração. Exigir pagamento por orar a Deus por outrem é transformar-se em intermediário assalariado. A prece, desse modo, seria uma fórmula cuja duração seria proporcional à soma que se pagou. Portanto, de duas uma: ou Deus mede ou não mede as suas graças pela quantidade de palavras; se é preciso muitas, por que dizer poucas, ou quase nenhuma, por aquele que não pode pagar? É falta de

caridade e, se uma só basta, as demais são inúteis. Por que, então, cobrá-las? É falta de caridade, é prevaricação*.

Como sabemos, Deus não cobra pelos benefícios que concede. Como pode alguém, que nem mesmo é o distribuidor deles, que não pode garantir sua obtenção, pretender cobrar por um pedido que talvez nenhum resultado produza? Deus não condicionaria um ato de clemência, de bondade ou de justiça que solicitamos à sua misericórdia, em troca de dinheiro. Por outro lado, se a soma não fosse paga, ou fosse insuficiente, resultaria que a justiça, a bondade e a clemência de Deus seriam suspensas. A razão, o bom senso, a lógica nos dizem ser impossível que Deus, a perfeição absoluta, encarregue criaturas imperfeitas de colocar preço à sua justiça. A justiça de Deus é como o sol: se distribui para todos, tanto para pobres quanto para ricos. Se consideramos imoral traficar com as graças de um soberano da Terra, quanto mais não será fazer o mesmo com as do soberano do Universo?

As preces pagas têm ainda um outro inconveniente: é que aquele que as compra se julga, na maioria das vezes, dispensado de orar, pois considera-se quite desde que deu o seu dinheiro. Sabe-se que os Espíritos são tocados pelo fervor do pensamento de quem por eles se interessa. Qual pode ser o fervor daquele que encarrega um terceiro para orar por ele, pagando? Qual é o fervor desse terceiro quando delega seu mandato a um outro, esse a um outro, e assim por diante? Isso não é reduzir a eficácia da prece ao valor de uma moeda corrente?

MERCADORES EXPULSOS DO TEMPLO

5. *Vieram em seguida a Jerusalém, e Jesus, tendo entrado no templo, começou a expulsar de lá os que vendiam e compravam; derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombos; e não permitiu que ninguém transportasse qualquer utensílio pelo templo. Também os instruiu ao dizer: Não está escrito que minha casa será chamada casa de orações por todas as nações? E, entretanto, fizestes dela um covil* de ladrões. Os príncipes dos sacerdotes, tendo ouvido isto, procuravam um meio de prendê-Lo; pois temiam-No, uma vez que todos estavam tomados de admiração pela sua doutrina. (Marcos, 11:15 a 18; Mateus, 21:12 e 13)*

6 Jesus expulsou os mercadores do templo. Deste modo, condenou o tráfico das coisas santas *sob qualquer forma*. Deus não vende nem sua bênção, nem seu perdão, nem a entrada no reino dos Céus. O homem não tem, pois, o direito de lhes estipular preço.

* N. E. - Covil: buraco de feraz. Esconderijo de ladrões.

MEDIUNIDADE GRATUITA

7 Os médiuns de agora – visto que também os apóstolos tinham mediunidade – receberam igualmente de Deus um dom gratuito: o de serem os intérpretes dos Espíritos para instruírem os homens, para lhes mostrar o caminho do bem e conduzi-los à fé e não para venderem palavras que não lhes pertencem, visto que não são o produto de suas *concepções, nem de suas pesquisas, nem de seus trabalhos pessoais*. Deus quer que a luz chegue a todos; não quer que o mais pobre seja dela privado e possa dizer: Não tenho fé, porque não a pude pagar; não tive a consolação de receber os encorajamentos e os testemunhos de afeição daqueles por quem choro, porque sou pobre. Eis por que a mediunidade não é um privilégio, e se encontra em todos os lugares. Cobrar por ela seria desviá-la de seu objetivo providencial.

8 Todo aquele que conhece as condições em que os bons Espíritos se comunicam e a repulsa que sentem por tudo o que é de interesse egoísta, sabe como pouca coisa é preciso para que se afastem, jamais poderá admitir que os Espíritos superiores estejam à disposição do primeiro que os chamasse, recompensando-os a tanto por sessão. O simples bom-senso repele esse pensamento. Não seria também uma profanação evocar em troca de dinheiro os seres que respeitamos ou que nos são queridos? Sem dúvida, agindo assim, podem-se ter manifestações, mas quem poderá garantir a sinceridade delas? Espíritos levianos, mentirosos, espertos e toda a espécie de Espíritos inferiores, muito pouco escrupulosos, correm sempre a esses chamados e estão sempre prontos a responder a tudo que lhes é perguntado, sem se preocupar com a verdade. Aquele que quer comunicações sérias deve, em primeiro lugar, procurá-las seriamente, depois de certificar-se sobre a natureza das ligações do médium com os seres do mundo espiritual. Portanto, a primeira condição para se alcançar a benevolência dos bons Espíritos é a humildade, o devotamento, a abnegação e o mais absoluto desinteresse *moral e material*.

9 Ao lado da questão moral, apresenta-se uma consideração real e positiva, não menos importante, que se liga à própria natureza da mediunidade. A mediunidade séria não pode ser e jamais será uma profissão, não somente porque seria desacreditada moralmente, e logo se assemelharia aos que lêem a sorte, mas também porque um obstáculo se opõe a isso. É que a mediunidade é um dom essencialmente móvel, fugidio, variável e inconstante. Ela seria, pois, para o explorador, um recurso completamente incerto, que poderia lhe faltar no momento mais necessário. Outra coisa é um talento adquirido pelo estudo e pelo trabalho e que, por essa razão, equivale a uma propriedade da qual naturalmente é permitido tirar proveito. Mas a

mediunidade não é nem uma arte, nem um talento; é por isso que ela não pode tornar-se uma profissão; ela apenas existe com a participação dos Espíritos; sem eles não há mediunidade; a aptidão pode continuar existindo, mas o exercício é falso, é nulo. Não há um único médium no mundo que possa garantir a obtenção de uma manifestação espírita e num determinado instante. Explorar a mediunidade é, portanto, dispor de algo que não se possui. Afirmar o contrário é enganar aquele que paga. Ainda há mais: não é de si mesmo que o explorador dispõe; é dos Espíritos, das almas dos mortos cuja cooperação se colocou à venda. Esta idéia causa repugnância. Foi esse tráfico, comprovado pelo abuso, explorado pelos impostores, pela ignorância, pela credence e pela superstição, que motivou a proibição de Moisés*. O Espiritismo moderno, compreendendo a seriedade da questão, lançou sobre seus exploradores o descrédito, elevando a mediunidade à categoria de missão. (Consulte *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, Cap. 28, e *O Céu e o Inferno*, 1ª parte, Cap. 11.)

10 A mediunidade é uma missão sagrada que deve ser praticada santa e religiosamente. Se há um gênero de mediunidade que requer essa condição de maneira ainda mais absoluta é a mediunidade de cura. Assim é que o médico oferece o fruto de seus estudos, que fez à custa de sacrifícios muitas vezes árduos; o magnetizador* dá o seu próprio fluido, muitas vezes, até mesmo sua saúde; portanto, ambos podem colocar preço nisso. O médium curador por sua vez transmite o fluido salutar dos bons Espíritos e isso ele não tem o direito de vender. Jesus e os apóstolos, embora pobres, nada recebiam pelas curas que faziam.

Aquele, pois, que não tem do que viver, que procure recursos em outros lugares, *menos na mediunidade*, e que apenas dedique a ela, se for o caso, o tempo de que possa dispor materialmente. Os Espíritos levarão em conta o seu devotamento e sacrifícios, enquanto se afastarão daqueles que esperam fazer da mediunidade um modo de subir na vida.



* **N. E.** - No tempo de Moisés a consulta aos Espíritos, embora largamente praticada, não tinha finalidade séria. A mediunidade, então conhecida como profecia, era comercializada. Por qualquer motivo, consultavam os Espíritos. A mediunidade era explorada por impostores, e foi isto que Moisés proibiu. Mas foi ele mesmo quem disse: "Quem dera que todo o povo do Senhor profetizasse" – isto é, fosse médium, dignificando assim a mediunidade. (Consulte Números, 11:26 a 29.)

* **N. E.** - **Magnetizador**: que magnetiza, que transmite sua influência, que impõe sua vontade a outro com o objetivo da cura.